

Nota dos Organizadores do Dossiê Mário Pedrosa

Criada em 2007, a *Revista Aurora* é uma publicação eletrônica do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desde então, a publicação tem sido um espaço voltado à produção e intercâmbio entre os pesquisadores do NEAMP e a comunidade científica, contribuindo assim para a qualificação do debate interdisciplinar na área das Ciências Humanas.

Com a intenção de atender ao interesse acadêmico na área de política em seus encontros com a arte, o presente número traz o **Dossiê Mário Pedrosa**, proposto por ocasião dos 40 anos de seu desaparecimento, ocorrido em 5 de novembro de 1981. Essa foi a principal motivação da chamada pública para a submissão de artigos que estimulam a reflexão sobre as ideias desse importante intelectual marxista, além da magnitude do legado de Pedrosa, cuja história faz parte do movimento social progressista e de emancipação da humanidade.

Mário Pedrosa (1900-1981) foi um ativo militante da causa dos trabalhadores e o mais importante crítico de arte brasileiro do século XX. Pedrosa sempre exerceu ambas as atividades e jamais viu incompatibilidade no seu exercício, deixando isto extremamente claro: “Sempre convivi muito bem com a política e as artes. Nunca misturei setores”. Tal certeza lhe advinha do fato de ter clara para si uma diretriz de vida e de atuação: “Ser revolucionário é a profissão natural de um intelectual”. Ao longo de sua longa trajetória, estabeleceu significativa contribuição em ambos os campos. Ao compreender a arte como “o exercício experimental da liberdade”, Pedrosa buscava fazer da atuação na crítica uma forma de apresentar a arte e traduzi-la a um círculo mais amplo do que aquele dos mercadores e integrantes do acanhado e restrito círculo do mundo das artes brasileiro. Ele transformou a crítica de arte em uma atividade que deixou

para trás as apreciações superficiais e opiniosas até então existentes no Brasil.

Pedrosa fez do marxismo uma sólida ferramenta para a compreensão do Brasil e a indicação do caminho para a sua modificação, trilhando este ativamente e enfaticamente, desde o início dos anos 1930, e nele permanecendo até o final de sua vida. Tal legado conjunto se fez duradouro e mantém as ideias de Mário Pedrosa sob o exame de estudiosos e pesquisadores até nossos dias e o projeta para além disso, tornando este **Dossiê Mário Pedrosa**, da *Revista Aurora*, de instigante necessidade e atualidade.

O **Dossiê** abre com artigo **Surrealismo, expressionismo e arte proletária em Mário Pedrosa (1925-1933)**, de autoria do professor Marcelo Mari. Nele, o autor busca traçar a trajetória intelectual de Mário Pedrosa, enfatizando as questões suscitadas no debate a respeito da arte da vanguarda, aqui corporificada no surrealismo, bem como no expressionismo e na chamada “arte proletária”, e seu impacto no Brasil, bem como suas conexões entre arte e política. A seguir, a *Revista Aurora* prossegue com o texto **Mário Pedrosa: A revolução da sensibilidade**, produzido pela historiadora de arte e curadora Catherine Bompouis. Partindo da premissa de que a dissociação da atividade política de Mário Pedrosa de seu engajamento com a arte significa ignorar as balizas de sua atuação como intelectual, a autora busca compreender o engajamento e a forma pela qual Pedrosa tornou a sensibilidade a feição indispensável para a mudança do mundo.

O **Dossiê Mário Pedrosa** continua com o trabalho do professor e curador Cauê Alves, **O pensamento de Mário Pedrosa sobre os museus**. Em seu artigo, o autor versa sobre os projetos museológicos em que Pedrosa esteve envolvido no período compreendido entre os anos 1950 e 1970. Aqui, são examinadas as ideias para os Museus de Arte Moderna (do Rio de Janeiro e de São Paulo) e o Museu da Solidariedade do Chile, assim como as proposições para um museu em Brasília, na época de sua construção, e para o Museu das Origens. Dentro desse amplo ideário, o autor destaca a perenidade e a validade desse conjunto para o enfrentamento da grave crise que vive o campo cultural no presente momento, no qual se vivencia o seu desmonte, encetado por um governo atrabiliário que engendra uma política anticultural visivelmente inspirada em fórmulas que se julgavam sepultadas desde o final da Segunda Guerra Mundial.

O **Dossiê** passa, em seguida, ao artigo **Mário Pedrosa e a CISAC**, de

autoria da pesquisadora e professora do Global Center for Advanced Studies (GCAS) Latinoamérica, Claudia Cofré Cubillos; da doutoranda Lucy Quezada Yáñez; e do professor e diretor do Global Center for Advanced Studies (GCAS) Latinoamérica, Francisco González Castro, todos de Santiago do Chile. Com base na correspondência mantida por Mário Pedrosa com membros do Comité Internacional de Solidaridad Artística con Chile (CISAC) e artistas de todo o mundo, os autores buscam estabelecer as relações tecidas por Pedrosa na constituição do comitê. Como se sabe, ao idealizar a organização, Pedrosa produziu uma rede internacional de relações, fundada na solidariedade, a qual permitiu não apenas a constituição do CISAC, mas estabeleceu os fundamentos que deixaram marcas na história de um movimento de permanente solidariedade, que ainda hoje mostra seu vigor, após ter sobrevivido a uma das mais abomináveis ditaduras de todo o continente americano.

A seguir, sucede na *Revista Aurora* o artigo **Museu das Origens: Um projeto visionário de Mário Pedrosa**, de Edson Luiz Oliveira, pós-doutorando no Diversitas-USP, Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (FFLCH). O seu texto busca examinar o projeto de criação do Museu das Origens, ideado e apresentado por Mário Pedrosa, em 1978. Esse olhar, além de ressaltar suas características principais, busca examinar o visionário projeto de Pedrosa com outro vislumbre, enfatizando novas questões colocadas pelas alterações postas no interior das relações éticas e sociais, pois, como aponta o autor, “as questões de identidade, gênero, raça e diversidade estão marcadamente presentes em diversas pautas de reivindicações políticas, e a arte não pode se eximir desses fatos”.

Em continuação, no **Dossiê Mário Pedrosa** vem o texto da professora Glaucia Villas Bôas, **A crítica à modernidade em Mário Pedrosa**. No artigo, a autora aborda a formação de uma crítica à modernidade por parte de Mário Pedrosa, a partir de três distintos momentos: início dos anos 1950; final dessa mesma década; e, por fim, nos anos entre 1975 e 1978. Ressaltam-se, respectivamente, a formação da sensibilidade estética em uma sociedade dominada pela técnica e racionalidade; o receio de Pedrosa com relação à cultura de massa e à aceleração do tempo; e, enfim, quando, retornado de seu exílio, ele se posiciona contra o desenfreado “desenvolvimentismo progressista” que minava a cultura e a natureza de seu país. Para examinar a crítica de Pedrosa à modernidade, a autora a coteja com pensadores da chamada crítica à cultura (*Kulturkritik*), a qual intuiu e ressaltou

as questões postas pelo avanço de uma civilização fundada na técnica, apontando para o cerceamento das possibilidades de expansão dos bens do espírito, cujas consequências se mostraram palpáveis com o embrutecimento dos habitantes das grandes cidades, instigados pela velocidade e pela impessoalidade inerentes ao progresso técnico.

Por fim, o **Dossiê** se encerra com texto-entrevista pouco conhecido, de Mário Pedrosa, feito com o poeta surrealista francês Benjamin Péret, publicado em 1928, devidamente apresentado e anotado. O texto situa a visão de Pedrosa e de Péret acerca do surrealismo em momento no qual se dava uma inflexão de sua orientação, especialmente com respeito às questões da política.

Esperamos que aos leitores da *Revista Aurora* agrade este **Dossiê Mário Pedrosa** e, sobretudo para os que por aqui tomam seu primeiro contato com suas ideias, que apreciem Mário Pedrosa e estreitem e aprofundem os laços com este exemplar intelectual e homem de ação.

Dainis Karepovs, Edson Luiz Oliveira e Daniel Persegüim